

A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL - CASTANHA PORTUGUESA – MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

Me. Marcelo Habice da Motta - FAZENDA PORTAL DA LUZ

Me. Carlos A. B. Luca –UNITAU

Resumo

Com a divisão regional do Brasil realizada pelo geógrafo Pedro Pinchas Geiger – 1967 permitiu identificar os aspectos da economia e formação histórica e regional, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar a importância das várias vertentes da geografia para o desenvolvimento regional e em especial para o município de São Bento do Sapucaí Localizado no Vale do Paraíba Paulista, entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, teve implantada uma política pública que permitiu identificar os conceitos de espaço, paisagem, território, região e lugar, no qual as estâncias turísticas na região que acolheram essa política pública, tiveram um crescimento econômico e um desenvolvimento social e sustentável em suas comunidades. Para tanto foi utilizada a pesquisa bibliográfica e estudo de caso. Ficou evidente a importância de se construir parcerias com instituições para implantação de políticas públicas envolvendo os atores locais, especialmente no cultivo da castanha portuguesa impactando no desenvolvimento regional.

Palavra-Chave: Geografia Econômica, Geografia Regional, Desenvolvimento Regional, Castanha Portuguesa

Summary

With the regional division of Brazil carried out by the geographer Pedro Pinchas Geiger - 1967, it was possible to identify aspects of the economy and historical and regional formation, the present work aims to demonstrate the importance of the various aspects of geography for regional development and in particular for the municipality. de São Bento do Sapucaí Located in the Vale do Paraíba Paulista, between the states of São Paulo and Rio de Janeiro, a public policy was implemented that allowed the identification of the concepts of space, landscape, territory, region and place, in which tourist resorts in region that embraced this public policy, had economic growth and social and sustainable development in their communities. For this purpose, bibliographic research and case study were used. It was evident the importance of

building partnerships with institutions for the implementation of public policies involving local actors, especially in the cultivation of Portuguese chestnut, impacting regional development.

Keywords: Economic Geography, Regional Geography, Regional Development, Portuguese Chestnut

INTRODUÇÃO

A história do pensamento geográfico teve seu início com “Périplo”, uma atividade de descrever portos, rotas e escalas à disposição dos navegantes para navegação comercial e proteção militar. Assim como o “Périplo” do cartaginês Hanão – o navegador e o “Périplo” do mar Eritreu antigo nome em referência do mar Vermelho, o grego Estrabão, geógrafo e historiador foi quem selecionou todo o conhecimento sobre a geografia reunindo uma obra de 7 volumes, sendo uma referência no período de Jesus Cristo.

Nos séculos XI e XII, geógrafos muçulmanos da península arábica ampliaram o conhecimento do globo aprimorando a geografia que hoje conhecemos. Ocorreu também no século XII por intermédio de Bernhardus Varenius a revisão do livro Generalis (1650- Geografia Geral). Os portugueses no século XVI, com uma visão comercial expandiram o seu conhecimento identificando a diferença entre as várias regiões do globo. James Cook, no século XVIII consolidou os novos padrões precisos e técnicos em navegação com seus itinerários. Porém, os primeiros passos, que hoje chamamos de “Geografia Social” foram desenvolvidos no século XVIII por Kant, Montesquieu e Goethe. E, a família Cassini por quatro gerações entre os séculos XVII e XVIII, na França realizou um estudo detalhado sobre topografia.

Alexander Von Humboldt realizou uma proposta de conhecimento sobre as demais partes do mundo, em estudo sobre as Américas Central e do Sul entre 1799 e 1804, com uma descrição sistemática e inter-relacionada de cinco características: altitude, temperatura, vegetação, agricultura e latitude em relação à linha do Equador.

DESENVOLVIMENTO

1. Geografia Moderna

A geografia moderna teve início com Humboldt que desenvolveu os pilares dessa Geografia e a seguir Kant descreveu a parte da Geografia em relação às demais áreas do conhecimento. Kant e Humboldt foram professores e ensinaram Geografia física na mesma época que Carl Ritter. Carl Ritter era professor e pioneiro da primeira cadeira de Geografia

estabelecida numa instituição de ensino superior dos tempos modernos. Mediante isso três inovações foram importantes no desenvolvimento da geografia moderna:

- ✓ o novo retrato das instituições de ensino superior.
- ✓ a fundação de sociedades geográficas e as perguntas sobre aspectos e recursos naturais que os governos de várias nações patrocinavam.
- ✓ a implantação de estações que se dirigem à análise geográfica sistemática ajudando na elaboração de mapas com dados sobre vários fenômenos da natureza.

Friedrich Ratzel colaborou escrevendo trabalhos pioneiros em Geografia humana e política sendo que para ele o meio natural condiciona a atividade humana. Uma ansiedade, naquela época, ocorria nas escolas sobre as civilizações humanas e suas diferenças inter-regionais, e Paul Vidal de La Blache foi o principal responsável a desenvolver o campo da Geografia regional.

Com a evolução da humanidade a fotografia aérea foi pioneira e, um importante instrumento de trabalho e pesquisa. Atualmente os satélites artificiais com a utilização dos notebooks permitiu uma abordagem de grandes quantidades de dados sobre a superfície da Terra e o desenvolvimento da Geografia encontrou três possibilidades de atuação:

- ✓ como os recursos minerais e de demais tipos nos oceanos são explorados.
- ✓ como engenharia genética é usada para o crescimento da produtividade agrícola e a solução de problemas que as pragas criaram (estes problemas atrapalham a expansão dos cultivos em diversas regiões do mundo).
- ✓ aperfeiçoamento da supercondutividade para a melhoria do problema na distribuição de energia elétrica.

Esses problemas foram reunidos em perspectivas que envolvem questões geográficas como os fatores naturais e humanos e a sua distribuição espacial. Estas dificuldades e dimensões apresentam sempre novos desafios para os especialistas.

2. Geografia e Natureza

O ser humano e a natureza passaram a ser um dos temas centrais da geografia, pois a distribuição espacial dos fenômenos que geram mudanças nas paisagens, e no ser humano, são capazes de modificar as forças da natureza por intermédio das tecnologias. Estas correspondem aos princípios básicos desenvolvidos para o estudo da geografia compreendendo quatro linhas de ação:

- ✓ a localização de acidentes geográficos, localidades e povos;

- ✓ a descrição das diversas partes do mundo e o estudo das diferenças existentes entre elas;
- ✓ a explicação da origem dos diferentes acidentes geográficos do globo terrestre;
- ✓ os estabelecimentos de relações espaciais entre os acidentes e regiões.

3. Geografia Regional

A Geografia Regional é o estudo das regiões ao redor do mundo na busca de compreender e definir as características únicas de uma região em particular que consiste em elementos naturais e humanos. Autores importantes desenvolveram esse conceito, como:

- ✓ Alfred Hettner, da Alemanha, enfatizando corologia,
- ✓ Vidal de la Blache, da França, com a abordagem possibilista (o possibilismo sendo uma noção mais leve do determinismo ambiental)
- ✓ e o norte-americano Richard Hartshorne fazendo a diferenciação de áreas.

Esses autores enfatizaram a importância da Geografia com o espaço geográfico. Espaço esse trabalhado pelo ser humano e que está em constante transformação ao longo do tempo.

Já a autora Helena Copetti Callai, ressalta a importância do estudo dos municípios, para se compreender o meio em que se vive, a ação humana, a sociedade, estabelecendo conexões com níveis mais elevados: estadual, nacional e internacional. Ainda a autora ressalta a importância do aluno, em sala de aula identificar a organização do espaço que vive no município e a influência dos vários segmentos econômicos, políticos, sociais na comunidade.

Afirma ainda a influência política no segmento econômico atuando fortemente nas atividades econômicas que poderão ser desenvolvidas no município, nos setores:

- ✓ setor primário, que compreende a agricultura, a pecuária e o extrativismo;
- ✓ setor secundário, que são as atividades industriais (indústrias de transformação); e
- ✓ setor terciário ou de prestação de serviços, que compreende o comércio, os bancos, o funcionalismo público, os transportes, educação etc.

4. Conceitos Fundamentais: Espaço, Paisagem, Território, Região e Lugar

É importante fazer a distinção entre estes conceitos fundamentais par melhor compreensão da Geografia.

- ✓ O espaço é um conjunto de objetos e um conjunto de ações. É ao mesmo tempo forma (como as estruturas de uma cidade) e função (o processo de ações humanas que

constroem a paisagem). Na geografia tradicional, o espaço aparece em Ratzel como base indispensável para a vida do homem, encerrando as condições de trabalho naturais ou socialmente produzidas. Para Ratzel, território é uma porção do espaço apropriada por um determinado grupo, que, pelo “espaço vital”, necessita do território em função do desenvolvimento tecnológico. O espaço transforma-se, através da política, em território, conceito-chave da geografia.

- ✓ A Paisagem (aparência) é a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão. A paisagem é transtemporal, juntando objetos passos e presentes (refuncionalização), uma construção transversal.
- ✓ O território é a porção do espaço definida pelas relações de poder, passando assim da delimitação natural e econômica para a de divisa social. O grupo que se apropria de um território ou se organiza sobre ele cria relação de territorialidade. Relação de territorialidade: relação entre os agentes sociais, político e econômicos, interferindo na gestão do espaço.
- ✓ **A Região** é a organização do espaço em áreas concentradas, numa certa porção da superfície terrestre, formando uma identidade espacial fundada em elementos naturais e humanos.
- ✓ O Lugar é a dimensão da existência que se manifesta através de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições-cooperação e conflito são a base da vida em comum.

5. Regiões

Conceitos Fundamentais: Regionalizar, Região

- ✓ Regionalizar é organizar o espaço em regiões. A partir de determinadas características observadas no espaço é possível regionalizá-lo. Para se regionalizar o espaço é necessário estabelecer um critério: região natural, socioeconômica, vocação econômica etc.
- ✓ A noção de região está associada a uma fração de espaço diferenciada pelo seu caráter de individualidade e singularidade, seja natural, social, econômico e político. Portanto, regionalizar significa dividir em regiões determinadas áreas através de características semelhantes ou diferentes e delimitá-las.

A partir do estabelecimento de regiões, estratégias administrativas podem ser tomadas como a distribuição de recursos ou de obras públicas ou ainda, na utilização do espaço. É um ato administrativo-político do poder público no sentido de ordenar a aplicação de programas econômicos e sociais e de coletar informações.

O Brasil está dividido politicamente em cinco regiões, a saber: região Norte, região Nordeste, região Centro-Oeste, região Sudeste e região Sul. O presente estudo/artigo, concentra-se na região Sudeste.

6. Região Sudeste

Características da Região Sudeste

A região Sudeste do Brasil é a segunda menor região do país, sendo maior apenas que a região Sul. A área real ocupa aproximadamente 924 620 km², 1/10 da superfície do Brasil. É composta por quatro estados: Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Limita-se ao norte e a nordeste com a Bahia e ao sul o estado do Paraná.

Referente ao clima e vegetação, a região Sudeste apresenta os climas tropical, tropical de altitude, subtropical e litorâneo úmido. O clima tropical predomina nas baixadas litorâneas de Espírito Santo e Rio de Janeiro, norte de Minas Gerais e oeste paulista. Apresenta temperaturas elevadas (média anual de 22°C) e duas estações definidas: uma chuvosa, que corresponde ao verão, e outra seca, que corresponde ao inverno. O clima tropical de altitude, que ocorre nos trechos mais elevados do relevo, caracteriza-se por temperaturas mais amenas (média anual de 18°C). O clima subtropical, que aparece no sul do estado de São Paulo, é marcado por chuvas bem distribuídas durante o ano (temperaturas médias anuais em torno de 16°C a 17°C) e por uma grande amplitude térmica. Temos ainda, no norte de Minas Gerais, o clima semiárido, mais quente e menos úmido, apresentando estação seca anual de 5 meses ou até mais nos vales dos rios São Francisco e Jequitinhonha. No Sudeste, como em qualquer região, as temperaturas sofrem a determinante influência da posição geográfica, ou seja, da latitude, do relevo e da altitude e da maritimidade. A região Sudeste apresenta os climas tropical, tropical de altitude, subtropical e litorâneo úmido. O clima tropical predomina nas baixadas litorâneas de Espírito Santo e Rio de Janeiro, norte de Minas Gerais e oeste paulista. Apresenta temperaturas elevadas (média anual de 22°C) e duas estações definidas: uma chuvosa, que corresponde ao verão, e outra seca, que corresponde ao inverno. O clima tropical de altitude, que ocorre nos trechos mais elevados do relevo, caracteriza-se por temperaturas mais amenas (média anual de 18°C). O clima subtropical, que aparece no sul do estado de São Paulo, é marcado por chuvas bem distribuídas durante o ano (temperaturas médias anuais em torno de 16°C a 17°C) e por uma grande amplitude térmica. Temos ainda, no norte de Minas Gerais, o clima semiárido, mais quente e menos úmido, apresentando estação seca anual de 5 meses ou até mais nos vales dos rios São Francisco e Jequitinhonha. No Sudeste, como em qualquer região, as temperaturas sofrem a determinante influência da posição geográfica, ou seja, da latitude, do relevo e da altitude e da maritimidade.

Quanto ao Relevo pode-se identificar quatro grandes divisões no relevo dos Sudeste:

- ✓ Planícies e terras baixas costeiras:
- ✓ Serras e planaltos do Leste e do Sudeste:
- ✓ Planalto Meridional:
- ✓ Planalto Arenito-basáltico:

Na Hidrografia devido à suas características de relevo, predominam na região os rios de planalto, naturalmente encachoeirados.

- ✓ Bacia do Paraná
- ✓ Bacia do São Francisco
- ✓ Bacias do Leste

A Economia da região Sudeste do Brasil é muito forte e diversificada, sendo considerada a maior do país, que ganhou esse reconhecimento desde o período café com leite, em que essas duas mercadorias eram as mais importantes para a capitalização brasileira. É o local mais industrializado do Brasil e o ramo industrial é diversificado e forte. Alguns dos mais importantes ramos industriais da região são: as automobilísticas (com mais força em São Paulo), siderúrgica (São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo), petroquímica (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais), navais (Rio de Janeiro) petrolífera (Rio de Janeiro e Espírito Santo).

Na agricultura, os principais produtos cultivados são: cana-de-açúcar, café, algodão, milho, mandioca, arroz, feijão e frutas. Na pecuária, o maior rebanho é o dos bovinos sendo o estado de Minas Gerais o principal criador. Eqüinos e suínos também são encontrados. Também há prática do extrativismo mineral, cujos principais minérios explorados são ferro, manganês, ouro e pedras preciosas. As maiores jazidas são encontradas no estado de Minas Gerais.

A cultura sudestina tem origem portuguesa, mas é influenciada por várias outras culturas. As diversas colônias de imigrantes, com destaque para os italianos e japoneses, também têm forte influência. A influência indígena e africana é marcada na música e na culinária da região.

A amplitude do território brasileiro possibilita que ele seja subdividido em muitas regiões. Essas seguem critérios climáticos, naturais e econômicos. Dentro desse último contexto, o Brasil ganhou mais uma forma de identificar as particularidades de algumas localidades, levando em consideração as características naturais e socioeconômicas, também conhecidas por Regiões Geoeconômicas.

Região Centro Sul – Geoeconômica

Divisão Geoeconômica do Brasil

Em 1967, o geógrafo Pedro Pinchas Geiger propôs a "divisão regional do Brasil" em três regiões Geoeconômicas ou complexos regionais. Essa divisão tem por base as características histórico-econômicas do Brasil, ou seja, os aspectos da economia e da formação histórica e regional.

Região Geoeconômica Centro-Sul

A região Geoeconômica Centro-Sul abrange os estados das regiões Sul e Sudeste brasileiros (com exceção do norte de Minas Gerais), além dos estados de Mato Grosso do Sul, Goiás, sul do Tocantins e do Mato Grosso, e o Distrito Federal. Compreende aproximadamente 2,2 milhões km² (cerca de 25% do território brasileiro). É atualmente a primeira região geoeconômica do país em população e em PIB.

Quanto ao Relevo no extremo leste encontra-se um conjunto de terrenos elevados que são chamados de planaltos e serras do Atlântico-leste-sudeste. No litoral encontram-se as escarpas, que são terrenos acima de 1000 metros de altura, como a Serra do Mar e a Serra da Mantiqueira.

Quanto a hidrografia dentro do Complexo regional do Centro-Sul encontra-se partes de grandes bacias hidrográficas: a do rio Paraná, a do rio São Francisco e uma pequena parte da bacia do Araguaia-Tocantins.

Quanto ao clima essa região é caracterizada por um clima diferente, mas apenas três climas predominam em grande parte dos estados, sendo o clima subtropical localizado em toda Região Sul e em parte do estado de São Paulo, o clima tropical, predominante na maior parte do Centro-Sul e o clima tropical de altitude, predominante em áreas serranas de São Paulo.

As características regionais permitem o crescimento e desenvolvimento diferenciado de cada região, também limitada pelas políticas públicas.

TEORIAS DE DESENVOLVIMENTO

Os pensadores medievais, segundo Hunt e Sherman (2004), afirmavam que o preço de uma mercadoria tinha de ser suficiente para cobrir os custos diretos de produção de um artesão e ainda permitir que ele conseguisse um retorno sobre seu próprio trabalho. Porém, uma concepção de comportamento de consumidor (terminologia atual) já se fazia notar com a expressão “desejo do corpo” e “desejo da mente”, típico do ser humano.

Um dos principais autores do século XVII foi Adam Smith, (1776) segundo Hunt (1981). Na teoria de preços tomou-se como referência o custo de produção, estabelecendo-se uma diferenciação entre preço de mercado versus preço natural.

Já John Maynard Keynes (1936) em sua obra, de acordo com Hunt e Sherman (2004), contribuiu com suas ideias, num período em que a procura pela realização de lucros teve presença marcante no início da industrialização capitalista.

Desenvolvimento Sustentável Econômico e Social

Myrdal (1961) expressa que “desenvolvimento econômico” em um determinado país, estado ou região em desigualdade interna encontra-se em comparação com as desigualdades de outros países, estados e regiões.

Para ele é fácil ver como a expansão em uma localidade produz “efeitos regressivos” (backwash effects) em outras. Isto é, os movimentos de mão-de-obra, capital, bens e serviços não impedem por si mesmos, a tendência natural à desigualdade.

Em contraponto têm-se os “efeitos propulsores” (*spread effects*) centrífugos, que se propagam do centro de expansão econômica para outras regiões. É natural que toda região situada em torno de um ponto central de expansão se beneficie dos mercados crescentes de produtos agrícolas e seja paralelamente estimulada ao progresso técnico.

Os “efeitos propulsores” e “efeitos regressivos” tiveram como referência o comércio internacional e os movimentos de capitais, nos quais os meios de progresso econômico no país adiantado têm “efeitos regressivos” no mundo subdesenvolvido, desde que não ocorra um controle.

Alguns conceitos da dinâmica territorial do desenvolvimento expresso por Dallabrida e Becker (2000) podem ser relatados para aprimorar o conceito de desenvolvimento econômico, conforme pode ser observado:

Espaço	Refere-se á totalidade dos lugares, entendendo lugar como a expressão materializada do global, produzido na articulação contraditória entre a mundialidade e a especificidade
Região	Pode ser definida como o Locus de determinadas funções da sociedade total em um momento dado, ou seja, um subespaço nacional total.
Território	Significa terra pertencente a alguém. Pertencente, entretanto, não se vincula, necessariamente, à propriedade da terra, mas a sua apropriação.
TDR – Territorialização, Desterritorialização, Reterritorialização	É resultante do conceito de território. Territorialização é o processo de apropriação do espaço, seja através de uma ação do setor público ou privado. Toda forma

	de ocupação ou apropriação do espaço provoca diferentes formas de desterritorialização. Já a reterritorialização é o processo de assentamento dos desterritorializados.
Dinâmica Territorial do Desenvolvimento	Diz respeito às diferentes formas de os atores \ agentes locais \ regionais organizarem-se para atuarem no processo de ordenamento \ reordenamento do território, para atuarem no processo de desenvolvimento local \ regional.
Desenvolvimento Local / Regional	Refere-se a um determinado processo de territorialização que contempla a dimensão da reterritorialização, capaz de estimular as potencialidades e contribuir para a superação dos desafios locais \ regionais.

Conceitos da dinâmica territorial do desenvolvimento -Fonte: Dallabrida e Becker (2000)

Na tomada de decisão sobre qual modelo econômico utilizar deve-se atentar aos desafios para sua implantação. O primeiro desafio teórico seria compatibilizar retornos crescentes com concorrência perfeita e o segundo seria formular modelos de crescimento endógeno com concorrência monopolista. Esses desafios evoluíram em três tipos de modelos:

- ✓ Spillovers: que explicam o crescimento por meio das externalidades positivas da acumulação de capital humano e de conhecimento.
- ✓ Lineares: que preservaram a importância do processo de acumulação de capital para o crescimento, mas introduziram novos fatores endógenos, acumulação de capital humano e de conhecimento.
- ✓ Inovação tecnológica: que considera a fonte básica do crescimento, a própria inovação, traduzido no resultado deliberado pela busca de poder de monopólio temporário ou permanente.

Para melhor esclarecimento, os dois primeiros modelos–Lineares e de Spillovers, têm como foco a aproximação ao fenômeno do crescimento econômico, pois buscam capturar seus determinantes mais imediatos. Identificam-se com os conceitos de Dallabrida e Becker e de Corrêa, por poder utilizar a territorialidade de uma forma política ciente, estimulando as potencialidades regionais.

Já o modelo de inovação tecnológica tem com foco capturar algumas das fontes mais profundas do crescimento econômico: as inovações de processos e produtos são assim manifestadas pelos seguintes autores:

Para Schumpeter (1970), a inovação tecnológica justificaria lucros diferenciados para as empresas, com destaque para aquelas que, ao inovarem, estimulam o crescimento econômico e recebem como “prêmio”, um lucro maior que o obtido pela concorrência. A inovação tecnológica é um centro gravitacional da dinâmica das economias capitalistas que, pela noção da “destruição criativa”, destrói a base produtiva velha para impor uma nova, tendo o processo de geração e difusão das novas tecnologias assumida um papel fundamental no arcabouço neo-Schumpeteriano.

Para Levitt (1974), na maioria das indústrias, qualquer empresa que não esteja agressivamente alerta às possibilidades de inovação está assumindo um risco competitivo, da qual deveria estar no mínimo, consciente. A busca de inovação, especialmente novos produtos, com novos atributos e serviços ao cliente faz parte da orientação para o marketing da empresa.

Os Modelo Neoclássico, Schumpeterianos e Neo-Schumpeterianos, inspiram-se mais explicitamente na idéia Schumpeteriana de que a principal fonte do crescimento econômico é a inovação introduzida pelas empresas. Nesses modelos, a inovação é concebida como o resultado da atividade de pesquisa e desenvolvimento, para a qual recursos específicos são alocados.

Podem-se distinguir duas subclasses de modelos de crescimento endógeno baseados na inovação:

- ✓ Modelos de Crescente Variedade de Produtos: onde novos produtos são agregados à função de produção ou de utilidade, ao mesmo tempo em que supõem retornos crescentes dinâmicos de escala ou preferência pela variedade; e
- ✓ Modelos Evolucionistas: que têm como ponto de partida uma analogia biológica explícita com base no qual constrói um referencial dinâmico para abordar a inovação e o desenvolvimento econômico de uma perspectiva Schumpeteriana.

Fazendo uma comparação com a evolução das espécies (Darwin), que ocorre por meio de mutações genéticas submetidas à seleção do meio ambiente, as mudanças econômicas teriam origem na busca incessante de inovações de processos e produtos que as firmas realizam enquanto unidades básicas do processo competitivo.

CADEIA PRODUTIVA E SERVIÇOS

Morvan (1985) define filière como “Cadeia (filière) é uma sequência de operações que conduzem à produção de bens. Sua articulação é amplamente influenciada pela fronteira de possibilidades ditadas pela tecnologia e é definida pelas estratégias dos agentes que buscam a maximização dos seus lucros. As relações entre os agentes são de interdependência ou complementaridade e são determinadas por forças hierárquicas. Em diferentes níveis de análise, a cadeia é um sistema mais ou menos capaz de assegurar sua própria transformação.”

Nessa linha de pensamento Zylbersztajn (2000) ressalta que o conceito de filières ou cadeias não privilegia a variável preço no processo de coordenação do sistema e focaliza especialmente aspectos distributivos do produto industrial. De acordo com Silva e Luca (2017) o estudo da cadeia produtiva e serviços têm como finalidade mapear as etapas por onde os insumos sofrem transformação. Constituem as várias operações integradas em unidades e interligadas, desde a extração à distribuição, ou seja, abrange todos os agentes econômicos envolvidos na produção, distribuição e consumo.

A cadeia produtiva de serviços é, portanto, o conjunto de componentes interativos, incluindo os sistemas produtivos, fornecedores de insumos e serviços (Cadeia de Suprimentos) indústrias de processamento e transformação, agentes de distribuição e comercialização, além de consumidores finais. Para um melhor entendimento a cadeia de suprimentos é composta pelo que os autores denominam de três outras cadeias que incluem num todo a estrutura, os fornecedores e os clientes assim detalhados: - cadeia interna-composta por fluxos de materiais e informações internos de uma organização: - cadeia imediata: composta por fornecedores e clientes diretos da primeira camada e dos seus fluxos integrados de materiais e informações; cadeia total: - composta por todos os fornecedores e clientes e suas cadeias imediatas, com seus respectivos fluxos, sendo que os fornecedores e clientes de segunda camada são próximos da cadeia imediata.

Para que toda essa complexidade venha a ser bem realizada tem-se a logística, que também faz parte da cadeia produtiva e serviços tendo a importância de planejar, implementar e controlar, de maneira eficiente e efetiva, os fluxos de estoque dos produtos, dos serviços e das informações relativas a estas atividades, desde o ponto de origem até o ponto de consumo, com o propósito de atender aos requisitos do cliente. As atividades logísticas estão divididas em dois tipos, a saber: - principais - que reúnem o transporte, manutenção de estoques, processamento de pedidos e distribuição; - secundárias (porém não menos importantes): que reúnem o sistema de armazenagem, manuseio de materiais, embalagem, suprimentos, planejamento, sistema de informação etc.

Ainda, segundo Silva e Luca (2017) a cadeia de serviços compõe o estudo da cadeia produtiva e vários autores definem as características dessas empresas, como empresas especializadas em fazer a gestão. Então a satisfação do cliente cria nessas empresas de

gestão a necessidade de ser sustentável econômica e socialmente, evitando que parte preciosa e significativa da satisfação seja consumida em burocracia.

Dessa forma retomando o conceito de divisão geoeconômica do Brasil, verifica-se que o Estado de São Paulo, encontra-se na região econômica Centro Sul onde está situado o município de São Bento do Sapucaí, objeto deste estudo.

MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

A Estância Climática do município de São Bento do Sapucaí situa-se a leste do Estado de São Paulo, denominado de cone leste paulista, em pleno contraforte da Serra da Mantiqueira. Ela é constituída por cadeia montanhosa e se estende por três estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro possuindo uma forte participação no eixo econômico entre São Paulo e Rio de Janeiro. Integra o ecossistema da Mata Atlântica que possui uma das maiores biodiversidades do planeta a apenas 100 km da cidade de São Paulo.

O município de São Bento do Sapucaí tem uma população estimada de 10.831 habitantes (IBGE-2013), com uma área territorial de 253,045 km² e seu Bioma pertence à Mata Atlântica. O município é constituído dos seguintes bairros: Bairro do Quilombo, Paiol Grande, Três Córregos, do Pinheiro, do Serrano, do Monjolinho, do Sítio, Cantagalo, Campista, Campo Monteiro, Caracol, Centro, Dias, Jd. dos Cisnes, Jd. Santa Tereza, Jd. Santa Terezinha, José da Rosa, Paiol Velho, Parque dos Lagos. Vila Baú, Vila Nossa Senhora Aparecida. Figura: Municípios que compõe a Serra da Mantiqueira



Os índices econômicos do município São Bento do Sapucaí - (3548609) segundo IBGE (2020), podem ser observados na tabela de Índices Econômicos.

ÍNDICES ECONÔMICOS	2017
PIB	196.195,22 (R\$ x1000)
IMPOSTOS	9.655,96 (R\$ x1000)
PIB per capita	18.007,82

AGROPECUÁRIA	28.556,15 (R\$ x1000)
INDÚSTRIA	11.286,55 (R\$ x1000)
ADMINISTRAÇÃO	40.249,94 (R\$ x1000)
SERVIÇOS	106.446,62 (R\$ x1000)

Fonte IBGE (2020)

TURISMO RURAL NO MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ – SERRA DA MANTIQUEIRA.

Tulik (2000) ressalta que desenvolver um empreendimento rural, Arranjo Produtivo Local (APL) significa fazê-lo progredir o que implica melhoria dos serviços, aumento da demanda e diversificação da oferta. Ela enfatiza que a formulação de estratégias, em geral, assume duplo sentido. Pode ter a ideia de um plano, isto é, direção ou caminho a seguir (refere-se a estratégia pretendida, ou olhar para a frente), ou de um padrão, isto é, um comportamento consistente ao longo do tempo (indica a estratégia realizada, ou olhar o comportamento do passado). Teixeira (1998) tem um olhar do turismo como um dinamizador da economia na região, ou seja, a importância das atividades não agrícolas para o meio rural, mas não somente quanto aos empregos e à renda das unidades familiares isoladamente, mas sim num sentido mais amplo, de desenvolvimento local. Uma relevância deve ter as atividades que sejam capazes de dinamizar a economia local. Enfim, a escolha de uma estratégia envolve objetivos bem definidos e prioridades estabelecidas em função dos interesses do empresário rural.

Capucha (1996) ressalta que uma dimensão rural passa sobretudo pela reorganização do setor agrícola no sentido da concentração e racionalização das explorações, da qual a Política Agrícola comum constitui um bom exemplo. Esse exemplo revela ainda atuais funções do setor agrícola, transformado em indústria de base das “cadeias alimentares”. O autor ainda destaca a estratégia de desenvolvimento das regiões rurais deprimidas ou em crise que implica políticas de conciliação da eficácia econômica com políticas de proteção social e promoção da igualdade de oportunidades e justiça redistributiva. Esta estratégia não pode deixar de dedicar grande atenção à integração das zonas rurais em contextos mais vastos, bem como o desenvolvimento de redes e laços relacionais fortes para procurar posições mais vantajosas no exercício de influência nos centros de poder.

Estratégia de Desenvolvimento de Regiões Rurais.

	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Recolocar e repensar as funções do espaço rural; ➤ Proteção de cenários e paisagens;
--	---

<p>Principais Estratégias:</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Reserva de terras; ➤ Conservação de equilíbrios ecológicos; ➤ Defesa do patrimonio genético; ➤ Combate a desertificação; ➤ Preservação e renovação da herança cultural. <p>Com isso, teremos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Criação de “Massa Crítica” no plano ecológico, económico e da visibilidade – com introdução de projetos individuais e agregando Bancos e Investidores; ➤ Criação de empresas e reconversão de explorações agrícolas – integrando as atividades turísticas, melhorando os produtos e serviços, com suas promoções, inovação na produção artesanal de qualidade; ➤ Criação de equipes pluridisciplinares para fornecimento de apoio técnico e cognitivo – redes de projetos locais; ➤ Plano valorativo – persuadir os poderes públicos e agentes privados.
--------------------------------	---

Fonte: Adaptado de Capucha (1996)

CULTIVO DA CASTANHA PORTUGUESA NA SERRA DA MANTIQUEIRA.

A região em estudo, que se localiza na serra da Mantiqueira, abriga quatro dos dez picos culminantes do Brasil sendo conhecida também conhecida como "O Himalaya Brasileiro". É a mais extensa das Áreas de Proteção Ambiental – APA, já declarada pelo governo brasileiro abrangendo o corpo principal da Serra da Mantiqueira o qual se estende do Parque Estadual Serra do Papagaio, ao norte do Parque Nacional de Itatiaia, no Estado de Minas Gerais, até a Pedra do Baú, ao sul do Parque Estadual de Campos do Jordão, no Estado de São Paulo.

A APA da Serra da Mantiqueira protege ecossistemas de encosta da Mata Atlântica que garantem sua estabilidade geológica preservando mananciais aquíferos com grande significado social, abrigando também campos de altitude geneticamente importantes.

O caminho até São Bento do Sapucaí, distante cerca de 185km da capital paulista está localizado nas divisas dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, sendo o município cercado por araucárias, cachoeiras, e topografia montanhosa com farta vegetação que proporciona um clima ameno com temperatura média de 17° C e, por conta de suas condições climáticas e geográficas, São Bento do Sapucaí foi oficialmente reconhecida como Estância Climática.

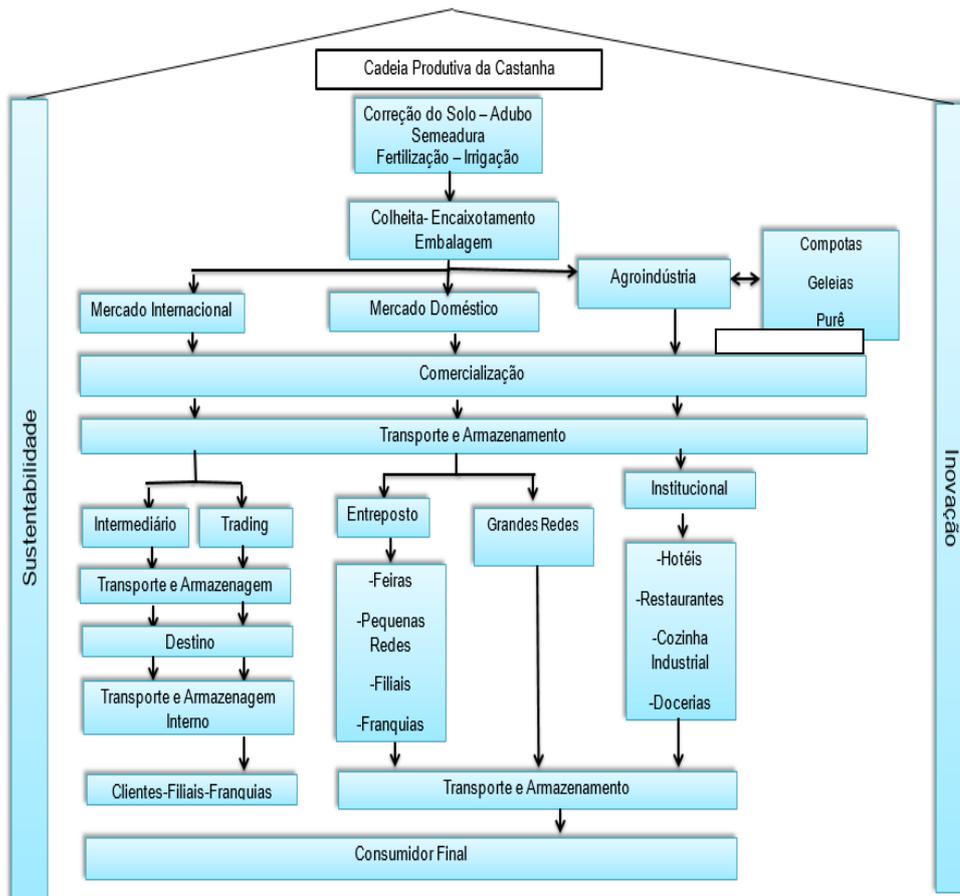
De acordo com Bueno e Pio (2018) o cultivo e consumo da castanha no Brasil ocorreu no município de São Bento do Sapucaí, no final da década de 60, quando o Sr. Giuseppe Sadun reflorestou sua fazenda com eucalipto, pínus e castanheiras, como terceira opção, que para ele lembravam a sua Toscana, infância e juventude, segundo o Sr. Marcelo H. Motta, atual proprietário da Fazenda Portal da Luz. Plantou cerca de 1.000 mudas. Na época, ele decidiu experimentar as variedades trazidas do Japão, que foram introduzidas pelo agrônomo Keiji Matsumoto, de São Paulo. Assim metade de seu cultivo foi composto por árvores de produção precoce, ou seja, a colheita inicia-se a partir de meados de novembro. O pomar era conduzido pelo funcionário da CATI, o Sr. Alvarino Ribeiro de Paula, que também ajudou a implantar outros castanhais na região, inclusive no Núcleo de Produção de Mudas São Bento do Sapucaí. Na década de 80, o Engenheiro Agrônomo Takanoli Tokunaga, então diretor do Núcleo de Produção de Mudas, iniciou uma série de atividades com o objetivo de produzir mudas de qualidade e gerar tecnologia adaptada às condições, para o cultivo das castanhas.

CASTANHAS PORTUGUESAS – FAZENDA PORTAL DA LUZ

A castanha portuguesa é um alimento consumido em todo o mundo há muitos anos, não apenas por seu sabor característico, mas também por suas propriedades nutricionais que podem ser muito benéficas ao nosso organismo. Abundante no hemisfério norte, esta castanha é muito consumida na Ásia e no Mediterrâneo. Existem provas de que a castanha portuguesa, conhecida no Brasil com essa denominação, começou a ser cultivada na China há mais de 6 mil anos!

Entre as suas propriedades, encontramos fibras, proteínas e nutrientes, como vitamina C, vitaminas do complexo B e minerais essenciais, capazes de melhorar a saúde digestiva, regular o diabetes, fortalecer os ossos, diminuir a pressão sanguínea, prevenir doenças crônicas, respiratórias, cardíacas, melhorar a função cerebral, cognitiva e o funcionamento da tireóide. Contribui para o fortalecimento do sistema imunológico, podendo ajudar na perda de peso, por oferecer ótima sensação de saciedade logo depois de consumida. Além disso traz inúmeros benefícios durante a gestação.

Fluxo da Cadeia Produtiva e Suprimentos do Produto



Fonte: Autores 2020

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bueno e Pio (2018) destacam que o potencial mercadológico da castanha deve ser percebido pelos empresários brasileiros de frutas como fonte rentável. A produção brasileira das principais espécies frutíferas de clima temperado é insuficiente para atender à demanda interna, gerando uma crescente necessidade de importação de frutas que podem ser produzidas no Brasil. Os autores ainda evidenciam que o estímulo à produção interna de castanha deve ser realizado com base em estudos que abordem todos os segmentos da cadeia produtiva do produto, desde o material genético até o processamento e a comercialização, de forma a proporcionar importantes elementos para o desenvolvimento sustentável da atividade.

Porém, alguns aspectos devem ser considerados no cultivo de castanhas como: • benefícios ecológicos, por se tratar de uma planta de porte arbóreo e resistente; • expressivo valor comercial de seus produtos, castanhas e madeira; • possibilidade de substituição de grãos nutritivos, em determinadas condições onde não é possível cultivar milho.

O Turismo implantado no município de São Bento do Sapucaí, representa o desenvolvimento de uma região cujas parcerias construídas com instituições realizaram ações de capacitação as quais foram importantes para a construção do destino turístico. As ações de sensibilização realizadas também foram essenciais para a participação e inserção da comunidade local.

Economicamente a maioria dos produtores pratica uma agricultura de baixa escala e de subsistência, utilizando para consumo próprio e venda em mercados locais.

O projeto realizado no município de São Bento do Sapucaí, observa-se relevantes decisões de política pública ocorrida, tais como:

- Elaboração de um diagnóstico das características da região;
- Participação de atores locais na definição das estratégias;
- Constituição de uma associação;
- Reativação do cultivo de frutas e consolidação do turismo rural;
- Desenvolvimento de novas atividades com novos postos de trabalho

Finalizando, a gestão de tecnologia aproxima-se dos conceitos de marketing e comunicação sendo dependente do estabelecimento de forte integração com o mercado e, portanto, de transações com os diversos elos da cadeia produtiva da Castanha Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso (1996). Geografia e participação: Regiões do Brasil. 2. São Paulo: Scipione

ARCHELA, Rosely Sampaio. Ensino de Geografia: tecnologias digitais e outras técnicas passo a passo. Londrina: EDUEL, 2008.

BELLONI, Maria Luiza. Educação a Distância. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

BENI M. C. Análise estrutural do Turismo. São Paulo: SENAC, 1998.

BIZZI, Luiz A.; Carlos Schobbenhaus; Roberta M. Vidotti, João H. Gonçalves (org.) (2003). Geologia, tectônica e recursos minerais do Brasil. Brasília: CPRM. 692 páginas. ISBN 85-230-0790-3

BUENO, S.C.S. PIO, R. – Castanha tipo portuguesa no Brasil – CATI - 2018

BUZAI, Gustavo (2004). Geografía Global. Lugar Editorial.

Canal Apaza, Luis (2007). Geografía Regional. CCITT.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. Ensino de geografia. São Paulo: Cengage Learning, 2010. Coleção idéias em ação.

CAPUCHA L.M.A - “Fazer render o belo – questões à volta do turismo e do desenvolvimento em zonas rurais recuadas” – Publicação: Sociologia – Problemas e Práticas. 1996.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. O misterioso mundo que os mapas escondem. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 31- 48.

CATI - Núcleo de Produção de Mudanças de São Bento do Sapucaí – 2019

CAVACO, C. Turismo Rural e Desenvolvimento Local.

CLEMENTE, A. HIGACHI, H. Y. **Economia e desenvolvimento regional**. São Paulo: Atlas, 2000.

DALLABRIDA, V. R.; BECKER, D. F. Dinâmica territorial do desenvolvimento. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

DALLABRIDA, V. R. Teorias do Desenvolvimento – Curitiba: CRV, 2017. FURTADO, C. Formação econômica do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2007

GASPARIN, João Luiz. Uma Didática para a Pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2002.

HIRSCHMAN, A. - Projetos de desenvolvimento. São Paulo: LER, 1969.

HUNT, E. K.; SHERMAN, H. J. **História do pensamento econômico**. Petrópolis: Vozes, 2004. HUNT, E. K. **História do pensamento econômico**. São Paulo: Elsevier, 1981.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 2020

KAERCHER, Nestor André. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos TEORIA E PRÁTICA DO ENSINO DA GEOGRAFIA 40 (Org.). Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 135-169

KOZEL, Salette; FILIZOLA, Roberto. Didática de geografia: memórias da terra: e espaço vivido. São Paulo: FTD, 1996.

LENCIONI, S. Região e geografia. São Paulo: USP, 1999.

LUCA, C.A.B.- Estudo da Concentração da Cadeia de Serviços no Município de Campos do Jordão – SP 2014 (Dissertação de Mestrado).

LUCAS, S. M.-Turismo Rural no Vale do Paraíba – uma experiência histórica – 2000 in: Turismo-Novo caminho no espaço rural brasileiro – Orgs: OLIVEIRA, C.G.S.; MOURA, J. C.; SGAIM, M. 2.000

MÉNDEZ, Ricardo (1997). Geografía económica. La lógica espacial del capitalismo. Barcelona: Ariel Geografía.

MYRDAL, F. Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas. Rio de Janeiro: SAGA, 1965

MORVAN, Y. Fondaments d'economie industrielle. Paris: Economica 1991

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente. São Paulo: Nobel, Fundap, 1993.

SCIELO. Geografia política.

SILVA, J.L.G. e LUCA, C. A. B. Turismo Rural como Fator Impactante da Dinâmica Territorial para o Desenvolvimento em São Bento do Sapucaí (Brasil), a partir da referência Portugal 2017.

TEIXEIRA, V.L. – Pluriatividade e Agricultura familiar na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro – UFRRJ – 1998 (Dissertação de Mestrado).

TULIK, O – Estratégias de Desenvolvimento do Turismo Rural 2.000 - in: Turismo-Novo caminho no espaço rural brasileiro – Orgs: OLIVEIRA, C.G.S.; MOURA, J. C.; SGAÍ M. 2.000 TOMAZZONI, E.L. Turismo e Desenvolvimento Regional: dimensões, elementos e indicadores. Caxias do Sul, RS: Educs, 2009.

ZYLBERSZTAJN D.; NEVES M. F. (Org.) Gestão dos Negócios Agroalimentares Pioneira-2000